

Rousseau, *Emílio ou da Educação* – as bases da Educação Nova

“O valor da dialéctica de Rousseau reside principalmente no facto de ter obrigado os contemporâneos, e tantos outros pedagogos até aos nossos dias, a observar a infância. Até ele, toda a gente descurara a infância, mesmo aqueles que tinham instituído reformas educacionais (...). Estava sempre em causa criar o homem a partir da criança, prepará-la para o estado adulto e nada mais ver nela do que o futuro homem. [...] Situa-se neste mesmo ponto, mais uma vez, a revolução pedagógica que confere uma originalidade indiscutível à posição de Rousseau: ter descoberto, ter afirmado que a infância era um estado indispensável, um estado com valor próprio, com finalidade própria e predestinado sem dúvida, a longo prazo, a ser seguido pelo estado adulto, mas com uma utilidade diversa de o preparar ou preparando-o apenas na medida em que o antecede” Roger Cousinet

**TEXTO**

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se queremos perverter esta ordem, produziremos frutos precoces que não terão nem maturidade nem sabor, e não tardarão em corromper-se; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar, de sentir que lhe são próprias, nada sendo menos sensato que querer substituí-las pelas vossas, e seria o mesmo exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura como o juízo de dez anos. Com efeito, para que lhe serviria a razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não tem necessidade desse freio [...].

Tratai o nosso aluno segundo a sua idade.

É bem estranho que, desde que existe a preocupação de educar crianças, se não tenha imaginado outro instrumento para as conduzir além da emulação, do ciúme, da inveja, da vaidade, da avidez, do vil temor, de todas as paixões mais perigosas, mais próprias para corromper a alma, mesmo antes que o corpo esteja formado. A cada instrução precoce que se pretende fazer entrar na sua cabeça, semeia-se um vício no fundo do seu coração. Insensatos professores pensam fazer maravilhas tornando-as más para lhes ensinar o que é a bondade, e depois dizem-nos gravemente: é assim o homem. Sim, é assim o homem que vós construístes [...].

Ponhamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza são sempre acertados: não há perversidade original no coração humano, nele não se

encontra um único vício de que não possamos dizer como e por onde ele entrou. A única paixão natural ao homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado num sentido lato. Este amor-próprio em si ou relativamente a nós é bom e útil; e como ela não tem relação necessária para com outrem, ele é, sob este aspecto, naturalmente indiferente; não se torna bom ou mau senão pela aplicação que dele se faz e pelas relações que se lhe atribuem [...].

Ousarei eu expor aqui a maior, a mais importante, a mais útil regra de toda a educação? Não é ganhar tempo, é perdê-lo. Leitores vulgares, perdoai-me os meus paradoxos: é necessário fazê-los quando se reflecte; e, seja o que for que possais dizer, prefiro ser homem de paradoxos a homem de preconceitos. O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento até à *idade dos 12 anos*. *É o tempo em que germinam os erros e os vícios, sem que se disponha ainda de qualquer instrumento para os destruir; e quando o instrumento chega, as raízes são tão profundas que já não há possibilidade de as arrancar [...]*.

A primeira educação deve ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro [...].

Considerai todas as dilações como vantagens; é ganhar muito avançar para o termo sem nada perder; deixai amadurecer a infância nas crianças. *Enfim*, torna-se-lhes necessária alguma lição? Não lha deis hoje, se podeis protelar até amanhã sem perigo [...].

De que serve inscrever na cabeça dos meninos um simples catálogo de palavras que não representam nada para os seus espíritos? Pois quando chegarem a aprender as cousas não aprenderão também os vocábulos? Porque lhes daremos o trabalho inútil de os aprenderem por duas vezes? Que perigosos preconceitos lhes não inspiramos ao fazê-los tomar como sendo ciência um acúmulo de palavras que são só palavras, pois que não têm para eles verdadeiro sentido? É desde a primeira palavra com que o espírito do menino se dá por pago, e da primeira coisa que o menino aprendeu sob simples palavra de qualquer pessoa, que o seu juízo se pode dar por perdido.

Se nada devemos exigir aos meninos por obediência, segue-se que não podem aprender coisa alguma de que não sintam a vantagem actual e presente, quer de divertimento quer de utilidade; de outra forma que motivo os levaria a aprender a coisa? A arte da escrita, a arte de falar aos ausentes e de os ouvir, a arte de lhes comunicar de longe, sem medianeiro, os nossos sentimentos, as nossas vontades, os nossos desejos, é arte cuja utilidade nos é possível fazer sentir às criaturas de todas as idades. Por que prodígio se tornou um tormento para os meninos uma arte tão útil e tão agradável? É que os constrangeram a aplicar-se a ela sem vontade, utilizando-a para serventias de que eles não compreendem coisa alguma.

Não pode o menino ter vontade de aperfeiçoar o instrumento com que o torturam; mas fazei com que o instrumento sirva aos seus prazeres, e em breve se aplicará a ele sem que o queirais.

Tem-se grande trabalho para achar os melhores métodos de ensinar a ler e inventam-se para tal artificios vários. Que tristeza! Um meio mais seguro que todos esses, e de que ninguém se lembra, é o de suscitar o desejo de aprender a ler. Dai à criança esse desejo, e abandonai depois os artificios; todos os métodos lhe poderão servir.

O interesse presente, eis aí o grande móbil, o que leva seguramente e muito longe.

Transformemos as sensações em ideias, mas não saltemos subitamente dos objectos sensíveis aos intelectuais; é pelos primeiros que devemos chegar aos segundos. Nas primeiras operações do espírito, sejam sempre os sentidos os nossos guias... Não lhes deis livros senão o do mundo, nem outra informação que não seja a dos factos. Da criança que lê não direi eu que pensa; não faz mais do que ler; não se está instruindo: só aprende palavras.

Chamai a atenção do vosso discípulo para os vários fenómenos da natureza, - e em breve lapso o tornareis curioso; porém, para alimentar a curiosidade do aluno não vos apresseis nunca a satisfazer-lha. Ponde os problemas ao seu alcance, e deixai que os resolva por si. Que não saiba nada, por conseguinte, pelo simples motivo de que lho dissestes, mas sim porque de si próprio compreendeu a coisa; que não aprenda a ciência, senão que a invente. Se substituídes um dia no seu espírito a razão pela autoridade, deixará de facto de raciocinar; será simples escravo das opiniões alheias.

ROUSSEAU, *Emílio ou da educação*,